



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Desenhos de Castañé

(Continuado do numero anterior)



A manhã seguinte, mal se acabou de vestir, eram onze horas e um quarto, Toninho foi sentar-se a uma mesinha de pinho, colocada ao pé duma janela, sob uma latada de parreira, rescedente de cachos, a poucos metros de casa, e pôs-se a desenhar.

Focado o local, um dos mais pictorescos recantos da grande quinta, um bozinho à nora, a água, como um fio de prata, a escorrer para o tanque, a um metro, e, longe, ao fundo, as mondadeiras vindimando as uvas, Toninho dispunha-se a esboçar, numa grande folha de papel, a arrojada cópia do lindo trecho de paisagem, e que depois coloriria, servindo-se da bela caixa de tintas que tinha ao lado, magnífico presente da madrinha condessa, no dia dos seus anos, dia convencionado, pois ninguém conseguira indagar a época exacta do seu nascimento.

De súbito, porém, mal humorado, de volta do trabalho, meio-dia, hora da sesta, Miguel, voltando para casa, encarou com Toninho e, irritadamente, admeestou-o ontra vez:

— «Mandrião de uma figa, pinta-moños de um raio! Sempre a estragar papel... Espera que eu já te digo...» E, indo direito a êle, quasi enfurecido, após amarrotá-la entre a calosa mão, arremessou para longe, numa bola, a folha de papel já esboçada, ao mesmo tempo que exclamava colérico: — «e, se choras, levas um sopapo!»

Como Toninho começasse, na realidade a chorar, deu-



-lhas um puxão de orelhas que, logo, motivou a intervenção de Bernarda e uma breve discórdia conjugal.

(Continua na página 4)



# O MORTO-VIVO

Por MIMI GRANDELLA  
Desenhos de CASTANÉ

A' sua muito querida mãe



QUANDO Alice saiu do colégio, tinha uns 17 anos.

Acabara o curso que havia tirado em Inglaterra e dirigiu-se para Portugal, sua terra natal, onde a família a esperava ansiosa.

Alice era viva e engraçada, mas sobretudo muito distinta e de rara beleza.

Em Inglaterra, onde permaneceu sete anos, só tivera amigas e era por todos que a conheciam, respeitada.

Soubera sempre portar-se dignamente e isso valera-lhe a grande amizade que por ela tinham os professores.

A-pesar-de pouca idade, Alice já deixara, em Inglaterra, inúmeros rapazes apaixonados pela sua invulgar beleza.

Entre eles havia um, que ela escolhera para seu noivo, português e conhecido da família.

Alice, ao chegar a Portugal, teve uma alegria sem limites. Estava, enfim, no seu país, e junto de seus Pais que adorava.

Os dias corriam-lhe cheios de felicidade e divertimentos. Divertimentos que durante sete anos não podera apreciar.

Uma bela noite em que, fóra do costume, ficara em casa vieram anunciar-lhe que se encontravam na sala seu primo e tio, os quais vinham visitá-la.

Não ponde Alice prever quem seriam esses parentes, se sua Mãe, antes de entrarem na sala, a não tivesse elucidado.

Ao entrar, constatou com visível surpresa, que não conhecia um rapaz alto, moreno, de porte soberbo, que reunia a tudo, duas qualidades: a simpatia e a beleza.

O segundo, pai do rapaz alto e moreno, já não era tão simpático.

Alice, após um momento de embaraço, reconheceu seu tio

Antonio de Noronha e seu primo Carlos Eduardo de Noronha.

Como poderia ela lembrar-se deles, se, quando partiu para Inglaterra, Carlos Eduardo era ainda um garotinho de calção, tão vivo e endiabrado que era difícil educá-lo? Sim, como havia de reconhecer, nêsse rapaz sossegado e fino, que de pé a olhava extasiado, o traquinas do seu primo, que tanta vez, quando pequenos, a fizera arrelhar?

Passado o curto espaço dos cumprimentos, Alice, como sempre, alegre e bem disposta, convernou animadamente, e com a sua graça pouco vulgar, desenferrujou a língua do primo que se achava um pouco acanhado, em frente de tão eloqüente rapariga.

Ao despedirem-se, Alice verificou que seu tio não gostara da maneira amável como o filho se despedira da sobrinha.

Alguns dias depois desta primeira visita, Carlos Eduardo voltava a casa da prima.

As visitas sucediam-se uma após outras, até que, um dia, a guerra as interrompeu. Carlos Eduardo foi logo chamado para se apresentar e alistou-se em cavalaria 5.

Entretanto, Alice não obtinha notícias do noivo que ficara em Inglaterra.

Farta de esperar carta em vão, escreveu-lhe a perguntar qual a razão porque não tinha notícias há tanto tempo.

A resposta não se fez esperar, mas, como o noivo lhe respondesse sem delicadeza alguma, Alice, sempre resoluta, tornou a escrever-lhe, mas, desta vez, para que tudo acabasse entre eles.



Rufam os tambores, e os clarins, anunciando a partida dos soldados para a guerra, põem a população toda em alvoroço.

A' despedida, há scenas verdadeiramente comoventes. Carlos Eduardo no seu uniforme, é um dos que mais se destacam.

Um pouco triste mas resignado, lá parte, também, como tantos outros que vão combater pela Pátria.

Pouco tempo decorrido, Alice recebia uma carta nos seguintes termos:

Minha Boa Prima

«Escrevo-lhe esta carta, e quem sabe se será a última! Parto para o campo da batalha, dentro de poucas horas.»

«Querida Alice, queria confiar-lhe um segredo, um grande segredo! Parto e levo-a no coração. Há muito que lhe queria confessar este grande amor, mas tem-me faltado a coragem para isso.»

Já o tinha dito a meu Pai, mas este não admite, de maneira alguma, que nós possamos um dia casar, porque, diz ele, só aprovará que eu me case com a filha dum amigo dele, uma fidalga qualquer, que nunca me interessou.

«Mas, enfim, talvez que a opinião de meu Pai mude. Peço-lhe pois, minha boa Alice, que peça a Deus por mim, para que eu não morra, porque mais tarde ainda poderemos vir a ser felizes. Creia sempre na eterna afeição do primo muito dedicado»

«Carlos Eduardo de Noronha».

Para Alice, esta carta não foi nada de extraordinário, porque já há muito que a esperava, assim como sabia também que seu Tio pouco simpatisava com ela, pois já tivera ocasião de o observar.

\*  
\*  
\*

Passaram-se doze longos meses, durante os quais a correspondência entre os dois primos era quási diária.

Porém, havia já dois meses que Alice esperava carta baladamente.

Escreveu inúmeras vezes mas nunca obteve resposta.

Temente pela sorte do rapaz, resolveu escrever ao Tio afim de lhe perguntar se tinha notícias do filho.

Este demorou pouco a resposta, que foi lacónica e fria. Também não sabia do filho.

Dois dias depois de ter recebido a resposta do Pai de Carlos, Alice leu no *Seculo* cheia de angústia, a notícia que segue:



«Entre os inúmeros mortos da última batalha, regista-se a do sr. Carlos Eduardo de Noronha, filho do nosso prezado amigo, Sr. Doutor António de Noronha. O morto estava irreconhecível tendo sido identificado porque trazia a carteira com os documentos referentes à sua nacionalidade e identidade»

«Especial».

A pobre rapariga ficou perturbadíssima, porque já tinha ganho amizade ao primo, talvez mais do que amizade, Amor.

Ao lembrar-se, porém, dos outros desgraçados que nem sequer tinham quem lhes cuidasse dos ferimentos, Alice propôs a si própria ir servir de dama da Cruz Vermelha. Os Pais ao princípio não consentiam de forma alguma, mas ela tanto pediu, tanto implorou, que viram-se obrigados a deixá-la partir.



Assim foi, e por uma tarde de Agosto, partiu para o «front» como enfermeira.

Cousa alguma a assustava; nem o troar do canhão, nem o barulho ensurdecedor das metralhadoras. Só pensava nos feridos, nesses infelizes que precisavam do seu carinho e dos seus cuidados!

Uma tarde chegou ao posto um «camion» cheio de feridos.

Mas em que estado vinham, Santo Deus!!!

Alice não tinha mãos a medir.

Chegou a vez de ser tratado um sargento que vinha quási moribundo.

O seu rosto sujo e negro de pólvora não deixava que o reconhecessem.

Foi imediatamente levado, para lhe mudarem de roupa, e limpa-lo um pouco.

Quando chegou novamente à enfermaria foi o primeiro a ser tratado.

Alice, como sempre, carinhosa e dedicada, dirigiu-se ao ferido para lhe perguntar o que tinha.

Porém o seu espanto foi enorme. Estava na frente do seu ex-namorado.

Este conservava os olhos cerrados, mas quando Alice com voz meiga lhe perguntou se estava melhor, estremeceu dos pés à cabeça, reconhecendo-lhe a voz.

— Tu... tu Alice... mas... estarei alucinado!?

— Sou eu, Alice, sou, mas sossega porque não podes por enquanto falar.

Os dias foram passando e Paulo melhorava a olhos vistos, devido ao cuidado com que era tratado. Um mês mais e estava curado.

Entretanto Alice esquivava-se o mais possível aos seus galanteios.

Paulo pedira-lhe de novo namoro, tendo sido repellido com brandura.

— Não, meu amigo, não; o meu coração pertence a Outro, e não será de mais ninguém, posto que esse Outro já não exista.

Eram estas sempre, as suas palavras.

(Continua na página 6)

(Continuação da página 1)

— «Ah, «home» de Deus, que mal faz que o pobre inocentinho se entretenha consigo, a rabiscar no papel?!»

— «Não quero; já disse! Fazés dele um madraço. 'Té se lhe pode meter em cabeça, algum dia, vir a fazer notas falsas, com a geiteira que tem. As más tendências devem contrariar-se...»

E, em sua crassa ignorância, o feitor prosseguia com semelhantes diálatos: — «Poetas e troça-tintas é tudo gente sem préstimo!»

A' vista do almoço que Bernarda ia agora depondo sobre a mesa, ao ar-livre, Miguel, pouco a pouco acalmando, principiou a comer.

Após o almoço, deitou-se, estiraçou-se e, refastelado á sombra da puzreira, deixou-se adormecer.

Toninho, contrariado, na ânc-a de expandir a sua irresistível vocação, olhava, de soslaio, o feitor, a quem dera sempre o tratamento de padrinho, porque este nunca lhe permitira o de pai, desejoso de o ver pelas costas, a-fim de prosseguir, recomeçando de novo, o interrompido trabalho.

Foi, por isso, com íntima satisfação que ouviu soar uma hora no pequenino relógio da saleta da entrada, cuja janelinha estava, agora, aberta de par em par e que viu o padrinho Miguel erguer-se, dando por finda a sesta.

Vendo-o afastar-se, correu á gavetinha da secretária, tirou um pauzinho de giz e, mal apanhou Bernarda distraída encaminhou-se para o portão da quinta, que, lípido, transpôs. Anjou aproximadamente um quilómetro, até alcançar o traço de estrada alcatroada, sobre um dos pontos mais panorâmicos daquela região. Ali sim, ali tinha tudo de que necessitava para a execução dum projecto que a sua imaginação de artista concebera na véspera: — um admirável modelo pictórico e, em vez da folha de papel, a superfície lisa da estrada, onde poderia desenhar á vontade, sem que profana mão pudesse vir inutilisar-lhe o trabalho.

Tirando da algibeira o giz, sentou-se e, meio reclinado, ora espiando a vista ora seguindo os traços no alcatroado do chão, entregou-se á sua obra. Quando já estava em mais de meio século, ao longe, ao fundo da estrada, um automó-

vel surgiu a toda a velocidade. A-pesar do seu buzinar constante, tão embebido estava o pequenino artista e tão enlevado em seu trabalho, que não fez, sequer, o mais insignificante gesto de fugir.

Estendido, como estava agora, a meio da estrada, impossível se tornava ao automóvel passar, razão porquê, súbitamente, estacou.

Indignadamente, o «chauffeur» verberava contra a atitude insólita do pequenito que, completamente alheio ao perigo que corra de ser atropelado, apenas agora despertava da sua abstracção, puxado por um braço do «chauffeur» para a margem da estrada, um pouco bruscamente.

— «Não me estrague o desenho, não pise o que eu fiz!...» gritava Toninho, atraindo, assim, a atenção do passageiro, pessoa de alta categoria, a julgar pela aparência, e que, movido por uma natural curiosidade, acabava também de se apiar do carro.

— «Ah, pequeno, que ias ficando esmagado!...» murmurou o desconhecido, afagando, entre repreensivo e carinhoso, os loiros caracóis do pequenino que, de novo, insistia aflitivamente: — «mas não pise o desenho, não me apague o desenho!»

Só, então, áquela exclamação aflitiva, o passageiro, benévolo, simpático, relanceou a vista pelo revelador trabalho de Toninho. E, surpreendido, maravilhado pela admirável precocidade do pequenino artista, indagou com interesse e uma maior simpatia:

— «Foste só tu que desenhaste isto?»

— «Só.»

— «Como te chamas e com quem vives?»

— «Chamo-me Antonio de Olivete. Vivo com a mãe Bernarda e o padrinho Miguel, feitor da senhora Condessa.»

A' evocação daquele nome, o interlocutor de Toninho mostrou-se surpreendido. Mas, reconsiderando, em breves segundos compreendeu tratar-se dum afilhadito da mãe do seu falecido e saudosíssimo amigo e imediatamente lhe fez a natural pergunta: — «A senhora Condessa de Olivete é a tua madrinha?»





— «E!» — respondeu Toninho, captado pela afabilidade dum senhor de tão agradável trato.

— «Entra para o automóvel. Vou levar-te a casa da tua madrinha; queres?»

— «Quero, quero...» respondeu o pequeno entusiasmado pelo facto de ser a primeira vez que entrava num automóvel.

Já dentro do carro, respondia agora, emocionado pela agradável sensação imprevista, ás perguntas que lhe ia fazendo: — «Gostavas de vir a ser um grande pintor?! Queres estudar desenho com bons professores?!»

— «O meu padrinho não deixa...» — (respondeu com mágoa Toninho) — mas gostava, gostava muito!»

— «Pois sossega que eu hei-de convencê-lo, verás!...»

E, decorrido mais um breve diálogo, o carro parava, finalmente, ao portão da grande quinta do Arco, que logo se abriu de par em par, após um badalar de sineta levemente agitada pela mão do «chauffeur».

— «Ah, é o senhor governador civil, — (exclamou D. Ana ao cima da escadaria do solar) — faz favor de subir... Vou avisar a senhora...»

O Dr. Jorge Guedes — assim se chamava o governador daquele districto — político de grande influência, levando Toninho pela mão, subiu a ampla escadaria, transpôs a porta principal do solar e, em dois segundos, se encontrou na pequena salinha da entrada, bem sua conhecida, aguardando o aparecimento da senhora Condessa que se não fez esperar.

Foi com o seu habitual sorriso que a bondosa senhora lhe estendeu amigavelmente a mão onde o doutor lhe depôs um respeitoso beijo, e abraçou o afilhado, manifestando certa estranheza pelo facto de lhe haverem já dito que haviam entrado juntos.

O dr. Jorge Guedes explicou, então, o motivo da sua visita de hoje. Em que circunstância curiosa havia encontrado o pequenito, o qual só devido à grande pericia do seu «chauffeur» não havia sido atropelado. Que estava nêle um futuro artista, que era necessário proporcionar-lhe os meios de desenvolver-lhe aquela extraordinária vocação, que, enfim, vinha pedir-lhe o devido consentimento para con-

seguir-lhe uma pensão do estado, uma bolsa de estudo — o que facilmente alcançaria com a sua influência — e a immediata admissão na Academia das Belas Artes do Porto.

Que sim, que seria com enorme contentamento que o veria ingressar nessa magnifica escola, sob a magnánima protecção do Dr. Jorge Guedes; que muito lhe agradecia o seu interesse e que ella própria concorreria também com o seu auxilio moral e material para tornar o seu querido afilhado num futuro artista de mundial renome.

(Continua no próximo número)

ADIVINHA



Jultar à sílaba «RO» uma sílaba ou uma letra, de maneira a formar palavras com a seguinte significação: 1, parte de um carro — 2, ave — 3, lista — 4, cidade — 5, flor — 6, brinquedo de criança — 7, maço — 8, côr.



( Continuação da pagina 6 )

Mas Paulo não desistia facilmente.

Um dia veio em que tiveram de se separar. O batalhão a que o Paulo pertencia teve ordem de partir sem demora. Daí a dias, uma carta de Paulo concebida nos seguintes termos, veio perturbar a tranquilidade de Alice.

Bôa Amiga

«Enquanto aí estive junto de ti, pedi-te, quasi de joelhos, para de novo nos falarmos. Foram inúteis tôdos os meus esforços para o conseguir, mas mais uma vez te peço que sejas generosa para quem te ama loucamente.

Creio que não me poderás repelir desta vez, pois já escrevi a teu Pais, pedindo-lhes que consentissem que fosses minha mulher.

O Outro desapareceu, ou, quero dizer, morreu, e era esse o único obstáculo para a minha Felicidade.

Espero na próxima carta o «sim» tão desejado.

Teu affectuoso  
Paulo».

Alice ao acabar de ler a carta, não soube o que resolver.

Parecia-lhe absurdo ter de aceder ao pedido de Paulo, mas... o Outro, como elle dizia na sua carta, já não existia, portanto também já não podia contar com o seu amor.

Pensando bem, Alice actualmente não amava Paulo, nem mesmo nutria por elle simpatia alguma. Se resolvera dizer-lhe sim, fôra sómente por saber que sua Mãe tinha interesse nesse casamento.

Quando a guerra acabou, Alice voltou ao lar.

Desde a sua chegada que não se fazia outra coisa do que falar do casamento dela com Paulo.

Se soubessem quanto isso a entristecia!

Mas tinha de ter resignação.

\*  
\* \*

Chegou, enfim, o momento solene. O dia condizia com a tristeza da noiva.

Muito branca, no seu vestido de noivado, mais parecia uma morta, do que uma vivente.

Ele, no seu uniforme de tenente de infantaria, estava alegre, bem disposto.

O prior, que os ia casar, um venerando velhinho, principiou a cerimónia.

Dada a ocasião de perguntar aos noivos se estavam dispostos a receber-se, o prior falou o mais alto que a sua voz permitia.

Dirigindo-se à noiva:

— V. Ex.<sup>a</sup>, está disposta a receber como marido o senhor Paulo Valadares?

— Sim...

— E V. Ex.<sup>a</sup>, disse dirigindo-se ao noivo, quere receber como mulher a senhora D. Alice de Noronha Silveira?

— Sim.

— Há alguém que se oponha a este casamento? perguntou o prior.

— Eu; respondeu uma voz do meio da igreja.

Os convidados e os noivos voltaram-se para vêr quem era. Alice desmaiou e Paulo fez-se mais lívido que um cadáver.

— Queira fazer o favor de me acompanhar à sacristia, pediu o prior à misteriosa personagem.

— Talvez fôsse desnecessário, mas visto que ordena não terei a mínima dúvida em fazê-lo. Peço porém a comparencia dos Pais da noiva e do noivo, assim como a dos noivos, respondeu a mesma voz.

Dirigiram-se tôdos para a sacristia

— Em primeiro lugar, peço-lhe que me diga o seu nome, principiou o prior.

— Carlos Eduardo de Noronha, um criado às ordens de V. Ex.<sup>a</sup>

— Diga-me as razões da sua opposição. Que causas há para que os impeça de casar?

— Queira ter um pouco de paciência que o caso deve interessar-lo. E principiou:

«Não sei se leu nos jornais a notícia da minha morte no «front», mas o certo é que não morri, tanto que me encontro aqui, vivo e são. Este senhor, (designando Paulo) é um homem indigno de vestir farda, é um verdadeiro patife.

Vou-lhe contar em poucas palavras o que se passou com esse homem e comigo.

Quando parti de Lisboa para o «front», no meu regimento ia ele. A princípio, como bons camaradas, falavamos um com o outro, mas não havia intimidade.

Porém um ao sempre juntos fez-nos grandes amigos, ao ponto de contarmos a nossa vida um ao outro. Daí em diante, comeci a notar-lhe um certo cinismo quando lhe falava da minha noiva.

Um dia, elle e mais cinco amigos vieram convidar-me para, no intervalo da batalha, irmos em observação a um monte, de onde se via, com auxilio de um binóculo, o

inimigo. O meu espírito aventureiro falou primeiro do que eu, e partimos.

O tempo estava nebuloso, mal se vendo para caminhar.

Andámos talvez durante um quarto de hora, quando num descampado vi o meu grande amigo dirigir qualquer palavra aos que nos acompanhavam.

Andámos ainda mais cinco minutos, quando, de repente, me sinto agarrado por detrás.

Não vi quem era, pois a neblina cada vez estava mais densa, mas... calculei.

Outros não podiam ser senão os meus companheiros.

Amarraram-me e amordaçaram-me, como a um bandido.

Fiz ainda esforço para lutar, mas seria impossível, pois eram seis contra um.

Aos empurrões, levaram-me até a uma espécie de castelo em ruínas, onde me libertaram.

Preguntei admirado:

— Mas isto é alguma brincadeira ou os senhores desejam alguma coisa de mim?

— Nós não lhe queremos nada, mas o que nós sabemos dizer-lhe é que estamos pagos e bem pagos para executar-mos este trabalho. O Patrão é que quer ajustar umas contínuas com você.

Calculei logo quem seria esse Patrão.

Devia ser esse menino, (designando Paulo) porque não nos tinha acompanhado até ao Castelo.

Como a provar que as palavras dos homens tinham sido sinceras, vejo-o entrar com ar cínico e dirigir-se-me.

— Então, meu rapaz, julgavas talvez que era teu amigo sem interesse? disse-me ele com ar de mola.

Com que então roubaste-me a noiva e querias que te tratasse com amizade, hein?

Não respondi de tão admirado que fiquei.

Então eu roubará-lhe a noiva?

Emfim cheguei à conclusão que tinha endoidecido. Cedo porém, voltei à realidade.

O meu amigo ordenava aos seus cúmplices, que me tirassem a camisa e a carteira, na qual só tinha uma carta da minha noiva e os bilhetes de identidade.

Fiquei horrorizado ao ouvir-lhe dizer:

— Essa camisa vão vesti-la no primeiro soldado português que encontrem morto, mas vejam bem o que fazem, que esse soldado esteja bem desfigurado, quando não deitam tudo a perder. Tenham também o cuidado de meter a carteira num dos bolsos anteriores. Assim foi, e os jornais noticiaram daí a dias, a minha morte, em vista de terem encontrado a carteira com a minha identidade. A camisa também tinha o meu monograma.

Não houve por isso dúvida alguma acerca da minha pessoa.

Acabou a guerra e esse maroto, conservava-me prisioneiro e guardado por quatro homens.

Óra calhou que um dia um dos meus carcereiros, ao ir levar-me o almoço trazia debaixo de um braço, um jornal.

Preguntei-lhe se o jornal era daquele dia.

Ante a sua resposta afirmativa, ofereci-lhe 5000 por ele, pois até os jornais estava proibido de ler.

O homem em vista de tão seductora quantia, acedeu.

Percorri a vista pelo jornal, e qual não foi o meu espanto ao ver anunciado o casamento de minha prima com esse bandido que se chama Paulo Valadares?!

Fiquei desorientado, confesso.

O meu pensamento foi de fugir.

Mas como, se eu estava tão bem guardado?

Tive, então, uma idéa.

O homem que me vendera o jornal, era um espírito fraco, a quem o dinheiro seduzia.

Ofereci-lhe cinco contos pela minha liberdade.

A principio recusou, mas a soma não era assim tão pequena e tentou-o.

De noite à hora a que lhe pertencia fazer sentinela, deu-me fuga.

E assim é que me consegui ver livre daquela prisão.

Se tudo isto que acabo de narrar é mentira, éle que o negue, prosseguiu Carlos Eduardo.

Paulo limitou-se a baixar a cabeça, como pessoa a que pesa na consciência o que fez. Não negou.

— Ontem fugi e hoje eis-me aqui, a protestar contra este casamento, terminou Carlos Eduardo.

Alice à medida que o primo ia falando, ia-se aproximando dele.

Quando o rapaz terminou ela disse-lhe muito comovida:

— Vejo querido Carlos, que fui vítima, assim como tu, deste homem perverso.

E dirigindo-se ao prior que tinha ouvido a narração com visível espanto:

— Senhor prior, peço-lhe o favor de anular o casamento com este homem. Já não era por minha vontade que casava com ele, mas agora, sabendo quem éle é, nem que tivesse ouro aos montes, eu o aceitava. Sou portanto livre.

Carlos Eduardo, dirigiu-se-lhe então:

— Minha querida, a minha missão está cumprida e portanto retiro-me. Se dei este passo, foi por saber que a mulher que amo estava em perigo. Adeus; desejo-te mil felicidades.

Carlos Eduardo dispunha-se a sair, quando sua prima o reteve.

— Carlos, eu amo-te ainda com mais paixão do que antes deste drama tódo. Peço-te, meu bom amigo, que se me amas com verdadeiro amor, me faças feliz.

Carlos Eduardo compreendeu a significação das palavras de sua prima, e ali mesmo, diante desse que atentara contra a sua felicidade, pediu ao prior que unisse a sua vida à de Alice.

Os dois noivos partiram cheios de felicidade e ventura, para casa do Pai de Carlos, o qual ao ver o filho que supunha morto, julgou ter enlouquecido de alegria, recebendo a sobrinha e nora com a maior mostra de amizade. Vivem hoje felizes, muito felizes.

Quanto a Paulo Valadares, o remorso, fez desse homem perverso, um verdadeiro desgraçado.

Seus Pais que ouviram a narração de Carlos Eduardo, quando voltaram para casa, deram ordem aos criados, que se o filho entrasse, lhe dissessem, que não contasse em pôr os pés naquela casa. E assim aconteceu.

Foi éle próprio que não quiz permanecer mais tempo no exército, e vive hoje na mais completa infelicidade.

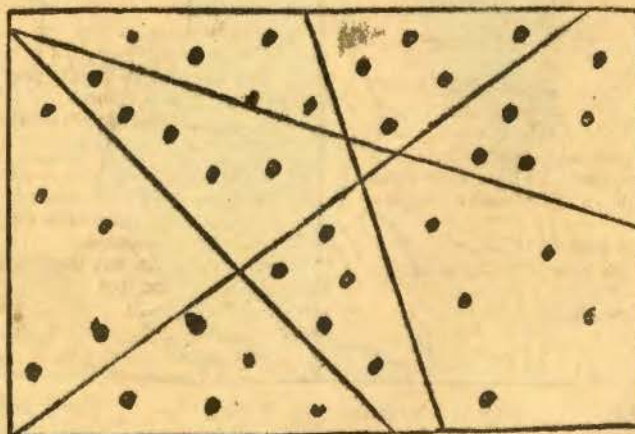
## Solução

Os montes Atlas

Oceano Pacifico

Cidade de Ufa

Cidade de Nice



LUIS - ALBUQUERQUE - 1930

## Solução

Pepe  
Pité  
Pinho  
Roquete  
Tamanqueiro  
Cipriano  
Bailão  
Waldemar  
Siska  
Bélo  
Ramos

# HISTORIA DE UMAS CALÇAS COMPRIDAS

## OU SOLICITUDE TARDIA



Farto de solicitar à família, sempre em valsas e de cabeça no ar, que lhe cortassem as calças...

as calças que o alfaiate mandara longas de mais, o pobre Quim Calafate, sempre em suspiros e ais,

tentando evitar quizília, pois era de gênio bom, reuniu toda a família e uma vez mais implorou.



A esposa, sem arremedos, fechou-se no quarto e... zás! Cortou nas calças dois dedos, pela frente e por detrás.

Decorrida meia hora, exclama a filha Náná: — «Vou já cortar, sem demora, as calcinhas do papá!»

Nisto, lembrando o pedido do neto — tão bom rapaz — a avó, com ar comovido, pega na tesoura e... zás!



Antes de ir para a caminha, a fim de fazer ó-ó, vai às calças a nêtinha, faz o que fizera a avó.

Nisto, o criado, que ignora a ordem estar já cumprida, mete também a tesoura na calça que era comprida.

Na manhã seguinte, enquanto se vestia, o pobre Quim repara, com grande espanto, que tinha as calças assim!